

## A língua portuguesa na nossa Índia

---

Muitas são as variantes — gramaticais, semânticas e simplesmente vocabulares — que apresenta o português da nossa Índia, e lógico é na realidade que assim aconteça. Em homens distanciados da metrópole centenas de léguas, e sem comunicações directas com ela, difficilmente lá se fará sentir a influencia das cambiantes que successivamente vai mostrando a lingua-mãe na sua constante evolução; em regiões de clima muito diverso do português, com fauna e flora em nada semelhantes às da Europa, habitadas por povos bastante afastados dos latinos, com usos, tradições e costumes completamente diferentes dos nossos, é-se lá obrigado ao emprêgo de nomes de muitíssimos objectos, actos e cerimónias que em Portugal nem sequer se conhecem, ao passo que têrmos de uso trivial entre nós não-de forçosamente desaparecer nos territórios indianos pela desnecessidade do seu uso. Tudo isso concorre naturalmente para que as diferenciações lingüísticas se vão avolumando cada vez mais, muito embora o nunca desmentido patriotismo dos habitantes da Índia Portuguesa reaja sem cessar no sentido de não haver divergências na lingua que todos nós, Portugueses, falamos.

Como o conhecimento das variantes de uma lingua pode prestar valiosos serviços à Filologia, aqui deixo arquivados, satisfazendo os desejos do Sr. D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos, alguns têrmos ainda não recolhidos nos nossos dicionarios, e modos de dizer que diferem dos que usamos na metrópole. Junto umas nótulas elucidativas dos textos transcritos, baseadas nas informações que me foram prestadas por alguns Indianos, nomeadamente pelo S.<sup>or</sup> Mariano Gracias, o inspirado poeta da *Terra de Rajáhs*, Revisor da Imprensa Nacional de Lisboa, natural de Goa, onde residiu até os 20 anos, tendo depois voltado à terra natal e lá permanecido cêrca de quatro anos; as suas explicações foram para mim preciosíssimas, e deixo-lhe aqui consignado o meu profundo reconhecimento.

Nos textos que reproduzo ocultei propositadamente os nomes das pessoas, com as quais nada têm os assuntos que verso.

\*

\* \*

«O Sr. F..., festejando a tornaboda de suas filhas D. R... e D. F..., teve em suas casas, em Navelim, uma *matinée* muito animada e bem servida, dançando-se os convidados a valer entre finos serviços e aos acordes da conhecida orquestra da Banda Central.»

(*A Índia Portuguesa*, n.º?)

**tornaboda.** — Assim se denomina entre os católicos da Índia a repetição dos festejos comemorativos do casamento, o que se efectua em regra uma semana depois da celebração do matrimónio, mas às vezes, mormente nas aldeias, bastante tempo depois, em geral com o fim de fazer coincidir êsses festejos familiares com qualquer festa religiosa e popular da localidade. O baile e o banquete de núpcias são tradicionalmente dados em sua casa pelos pais de um dos recém-casados — quasi sempre pelos pais do noivo —, e a tornaboda é da praxe realizar-se em casa dos pais do outro nubente.

**em suas casas.** — Quere dizer: nos compartimentos ou, mais rigorosamente, nalguns dos compartimentos da casa onde reside. Em Portugal usa-se essa expressão no singular: *em sua casa*, tomando-se *casa* na acepção de residência.

**dançando-se.** — Trata-se de um arcaísmo. Em Portugal diz-se presentemente *dançando os convidados* e não *dançando-se os convidados*, mas atente-se que o emprêgo da forma reflexa do verbo *dançar*, em vez da intransitiva, ainda perdura no português metropolitano actual, em frases como esta, por exemplo: *É fraco cavaleiro: dança-se muito em cima do cavalo.*

**entre finos serviços.** — Significa que os convidados aproveitaram na dança o tempo que mediou entre as diversas refeições ou, melhor, distribuições de iguarias e bebidas que é de uso haver em tais festas. Em Portugal escrever-se-ia: *dançando os convidados animadamente e havendo nos intervalos um fino serviço de...*, o que é mais lógico porque a maior parte do tempo é sempre o ocupado na dança e não na comida. No citado jornal *A Índia Portuguesa*, n.º 3049, de 15-5-1926, encontro a mesma expressão *entre finos serviços*:

«Findo o acto o Sr. F... abriu as suas salas para uma animada *conversazione*, que decorreu alegre por entre serviços finos e profusos.»

«F..., herbolar e droguista, possui segredos eficazes sobre varias doenças consideradas difíceis de cura.

Cura febres palustres e outras de mau character com o inofensivo emprego dos medicamentos aiurvédicos.»

(*Bharat*, n.º 48, de 26-2-1925).

«... venho por este meio cumprir o grato dever de manifestar o meu sincero e profundo reconhecimento aos Ex.<sup>os</sup> médicos F... e F... bem como ao diplomado aiurvédico Sr. F...»

(*A India Portuguesa*, n.º 2995, de 4-3-1925).

«Imensamente nos magoou o falecimento ocorrido em Cortalim do Sr. F.., herbolaríio muito procurado e acertado.»

(*A India Portuguesa*, n.º 3045, de 10-4-1925).

**herbolar.** — O mesmo que herbolaríio ou ervanário.

**aiurvédicos**, ou **ajurvédicos.** — Subordinados aos preceitos dos *Veda* (1).

**aiurvédico** (substantivo). — Curandeiro que applica os preceitos dos *Veda*.

**diplomado.** — Versado, experiente. A frase *diplomado aiurvédico* entenda-se que não quer pois dizer aiurvédico que possua qualquer diploma, mas sim aiurvédico com competência para o exercicio da sua profissão.

(1) *Wêda* — Colecção de composições poeticas lyrico-epicas, composta, na sua maxima parte, de hymnos. A palavra *Wêda* quer dizer «sciencia, saber por excellencia». Escreve-se *Wêda* no sing. e no plur. Livros sagrados dos hindús, base da sua religião, directamente revelados pelo seu Deus. São quatro: *Rigwêda*, *Samawêda*, *Yajurnêda* e *Atharvanêda*. Compõem-se de *shástras*, *puránas* e *agmans* — rezas, orações e canticos religiosos.

(*Terra de Rajáhs*, Bombaim 1925, pp. 133-134),

**acertado.** — Tem o significado de seguro, que sabe o que faz.

«Está de mudança, nas praias de Zalôr, a Sr.<sup>a</sup> D. F... Mudou-se para vilegiatura anual o Sr. F...»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 3048, de 8-5-1926).

«No dia 1 do corrente, seguiu para Matheran, para a sua mudança anual, S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. F...»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 3049, de 15-5-1926).

«... achando-se agora de mudança na sua vivenda do campo de Mormugão.»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 3046, de 17-4-1926).

**estar de mudança, mudar-se.** — Passar a estação calmosa.  
**mudança.** — Veraneio.

«Consta que tem subido uma reclamação à Câmara, assinada pelos habitantes de Velim, Assolnã e Chinchinim, porque a estrada é de máxima utilidade aos habitantes dessas freguesias, pedindo à mesma que se faça urgente concôrto dessa estrada — que está a morrer — antes que se construam novas estradas, como é natural.»

(*A Índia Portuguesa*, n.º?)

**que está a morrer.** — A estrada está de tal modo intransitável que quasi se pode considerar como já não existente.

«A Sr.<sup>a</sup> D. F..., teve o seu feliz desembaraço, dando à luz um menino...»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 2995, de 15-3-1925).

«Após um parto laborioso, desembaraçou-se...»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 2997, de 28-3-1925).

**desembaraço.** — Parto.

**desembaraçar-se.** — Dar à luz.

Não se devem considerar estes tѐrmos como galicismos adoptados pela redacção do jornal — simples traduções do francês *délivrance* e *délivrer* — porque são correntios na bôca do povo, não se empregando vulgarmente outros vocábulo na *India Portuguesa*.

---

«Convenço-me de que não tenho os requisitos **necessários** a uma conferente, mas, confiada na extrema benevolência de V. Ex.<sup>as</sup>, atrevo-me a dizer-vos umas poucas palavras, começando por vos saudar e agradecer cativada a imensa honra que me dispensastes vindo aqui escutar-me.»

(*A India Portuguesa*, n.º 3047, de 24-4-1926).

**atrevo-me a dizer-vos.** — Atrevo-me a vir falar perante vós, a vir apresentar-me perante vós.

---

«Na igreja Cuncolim, verificou-se, sob os mais fagueiros auspícios, o casamento da Sr.<sup>a</sup> D. Matildes...»

(*A India Portuguesa*, n.º 3049, de 15-6-1926).

**Matildes.** — É forma arcaica, ainda muito em uso no povo em Portugal, mas os cultos só dizem hoje *Matilde*; na Índia até literariamente se emprega *Matildes*.

---

«Tendo não poucos as suas contas muito **atrazadíssimas**, devendo uma razoável importância...»

(*A India Portuguesa*, n.º 3045, de 10-6-1926).

**muito atrasadíssimas.** — Duplo superlativo, inadmissível em Portugal como linguagem de pessoas cultas.

---

«... a referida Comissão, depois de discutido e ponderado o assunto, resolveu que a importância do fundo exis-

tente em poder do tesoureiro da Comissão encarregada de coalhar o mesmo fundo.»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 3049, de 15-5-1926).

**coalhar.** — Reunir.

---

«... enaltecendo os relevantes serviços que o ilustre homenageado, como médico muito recorrido, vem prestando à sua aldea natal...»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 2995, de 4-3-1925).

**recorrido.** — A cujo conselho muita gente recorre, consultado.

---

«... por ser muito perto às repartições públicas e às escolas inglesas...»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 3049, de 15-5-1926).

**perto às.** — Em Portugal diz-se sempre *perto das*.

---

«F..., moradora de S. Tomé de Salcete, por estar desviado um título n.º 316 compreendendo 10 acções da Comunidade de Seraulim dos n.ºs 1630 á 1639, averbadas em nome do seu finado pai F... e por lhe haverem sido applicadas no inventário a que se procedeu por óbito do dito pai, pretende renovar e averbar a seu favor as referidas 10 acções.»

(*A Índia Portuguesa*, n.º?)

**applicadas.** — Na linguagem judicial da metrópole empregar-se-ia neste caso a expressão *adjudicadas* ou *partilhadas* ou ainda *aformaladas* (em virtude dos bens que depois da partilha ficam pertencendo aos diversos interessados constarem do respectivo formal).

---

«... vão ser arrematadas as obras de construção dum

paredão sôbre a sangria do aludido caminho ligado à loja dos herdeiros de...»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 2996, de 14-3-1925).

**sangria.** — Vala ou riacho que atravessa uma estrada.

**ligado à loja.** — Que passa junto à loja, que serve a loja.

«Até que finalmente, está designada em 9 de Março, a arrematação para se concluir a paroquial desta freguesia, paroquial que, não sei há quantos anos, está meio-hirta, dando o triste aspecto, principalmente aos estranhos, para se rirem dos habitantes desta freguesia, por não se importarem com ela.»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 2996, de 14-3-1925).

**designada em.** — Em Portugal emprega-se a preposição *para* em vez de *em*; *está designada para 9 de Março*, escrever-se-ia aqui.

**está meio hirta.** — Apenas se encontra meio edificada.

«... e bem assim da caiadura, remendaria, retelhadura e reparos invernaes dos edificios a cargo do Municipio.»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 3048, de 8-5-1926).

**remendaria.** — Rebocos.

**retelhadura.** — Nova colocação de telhas, e por extensão qualquer consêrto no telhado.

**reparos invernaes.** — Resguardos, feitos de fibra de palmeira ou esparto, que se applicam às janelas dos prédios, a fim de defenderem as habitações das chuvas torrencias que costumam cair na Índia, por vezes ininterruptamente durante dias successivos, e que tudo inundam.

«... arrematou a sacadoria da comunidade desta aldeia...»

Na qualidade de fiador de um arrematante de umas var-

zeas de Colvá, por falecer o mesmo arrematante, requeri quita de uma varzea arrematada.»

(De um manifesto acêrca da administração da Comunidade de Salcete, datado de 14-3-1925).

**Sacadoria.** — Cargo do sacador, que é uma espécie de recebedor dos réditos da Comunidade. O exercício dêsse cargo é adjudicado em hasta pública, mediante determinadas condições.

**Quita.** — Corresponde aos nossos termos *quitação* ou *desobriga*.

«... raro nestas paragens, onde actos religiosos desta natureza fazem-se muito necessários...»

É destino dos homens pagar a finta ou o tributo à morte quando o Criador nos seus insondáveis segrêdos marca-lhes o termo da sua existência.»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 3049, de 18-5-1926).

«Não se pode contestar que a junta estava no seu direito de exigir que o arrematante da sacadoria, ao se apresentar para entrar na gerência do cofre exhibisse documento...»

(Do manifesto atrás indicado).

**Fazem-se, marca-lhes, se apresentar.** — Colocação arcaica dos pronomes pessoais, usada em Portugal só até o século XVI, mas ainda persistente na linguagem do Brasil.

«Colégio em Assolná, sê-lo há aberto sob a direcção de...»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 3049, de 15-5-1926).

**Sê-lo há.** — Gramaticalmente não se compreende neste caso o seu emprêgo em vez de *será*. Na Índia porém é costume dizer-se assim.

Na metrópole empregam-se hoje indiferentemente, na maior parte dos casos, as formas reflexas e intransitivas do verbo *casar* e assim tanto se diz *casei-me* com fulana como *casei* com fulana. Na Índia porém não se admite a forma intransitiva como equivalente à reflexa. É vulgar mesmo que pessoas idas de Portugal ao empregarem diante de indianos a expressão *casei a tantos de tal* oiçam como réplica, umas vezes dada ingênuamente, outras vezes por ironia e como correctivo ao que se reputa um crasso êrro de linguagem:

— *Quem casou?*

— *O senhor é sacerdote ou official do registo civil?*

À frase *Tens demora?* responde-se muitas vezes na metrópole: *Já vou*. O indiano — qualquer que seja o seu grau de cultura — diz habitualmente neste caso: *Já venho*. Há aqui uma confusão entre o verbo *vir* e *ir*, hoje muito difficil de corrigir, dada a freqüência do emprêgo da frase em todas as camadas sociais.

A *banana* é vulgarmente designada na Índia por *figo*, talvez porque certas bananas teem semelhança com um grande figo. Ao dôce tendo por base a *bananu* dá-se o nome de *figada*.

Não se emprega na Índia o têrmo *cocheiro*. É sempre substituído por *bolieiro*.

São tambem lá completamente desconhecidos os têrmos *chapéu de chuva* ou *guarda-chuva* e *chapéu de sol* ou *guarda-sol*, ambos substituídos por um único vocábulo: *sombreiro*. Por *chapéu* só se designa o da cabeça.

*Melancia* é têrmo desconhecido na nossa Índia, a-pesar-de lá se cultivar a planta que dá êsse fruto. Em seu lugar emprega-se *pateca*.

\*

*Judia* é o termo por que se designa o *casaco*. Para o casaco de senhora a expressão mais adoptada é *casabeque*.

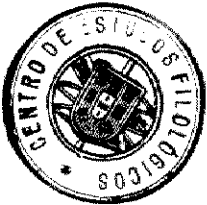
\*

Diz-se *mais antes* em vez de *mais cedo* e *outro um* em vez de *um outro*. Só as pessoas que tenham tido permanência em Portugal ou então os que cultivam com esmero a lingua portugueza se expressam como na metrópole.

(Comunicações verbais do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Mariano Gracias).

Lisboa.

VICENTE DE SOUSA.



## ERRATA

A p. 286, l. 10, onde se lê: «atrevo-me a dizer-vos *umas* poucas palavras,», deve ler-se: «atrevo-me a dizer-vos, *mas* poucas palavras,».